

Ruralidades, meu corpo e curtas-metragens brasileiros: o que eu vejo e o que me olha?¹

Analu FAVRETTO²

RESUMO

No presente texto, apresento algumas considerações contidas na dissertação “Corpos Rurais: paisagens, sexualidades e transcendência em filmes de paiol” (FAVRETTO, 2020). Trata-se, portanto, de um recorte em específico do trabalho que, embora finalizado, está em constante atualização de autores e materialidades audiovisuais. A pesquisa utiliza imagens de rurais em filmes brasileiros para observar a duração “Ruralidade”, apresentada aqui através do conceito de *atual e virtual*, de Henri Bergson (1996). Os curtas-metragens escolhidos como objetos de pesquisa são “A vez de matar, a vez de morrer” (2016, Giovani Barros) e “A retirada para um coração bruto” (2017, Marco Antônio Pereira). Já a metodologia, que se apropria principalmente das constelações benjaminianas, nos revela três pontos centrais para entender as Ruralidades: as sexualidades, as paisagens e a transcendência.

Ao lançar o meu olhar para a temática de “Ruralidades”, não posso deixar de pontuar o meu corpo como central para isso acontecer. O corpo, para o filósofo Henri Bergson, é a centralidade do mundo; a partir dele percebemos todas as imagens que estão no entorno. Ao escrever sobre o papel do corpo, Bergson fornece algumas pistas sobre as imagens que agem e reagem sobre nós, e aponta que, de todas as afecções e percepções - ou seja, interna e externamente -, é o corpo que prevalece como centralidade, uma vez que sofre a interferência de todas as imagens do universo que possam agir sobre ele. Sobre isso, “tudo se passa como se, nesse conjunto de imagens que chamo universo, nada se pudesse produzir de realmente novo a não ser por intermédio de certas imagens particulares, cujo modelo é fornecido pelo meu corpo” (BERGSON, 1999, p. 12, grifo do autor). Eu, rural, de família rural, infância rural e vivência rural, percebo as imagens ao meu redor e proponho uma reflexão sobre elas. Agora, voltamos às Ruralidades em filmes brasileiros.

¹ Trabalho apresentado na **DT 04 – Comunicação Audiovisual** do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

² Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS); email: nalu.fvt@gmail.com

Enquanto muitos temas parecem possuir uma gênese na filmografia brasileira, como é o caso de filmes de operários, outros “tipos” permeiam o cinema brasileiro desde sempre. O caso de rurais na historicidade fílmica, por exemplo, figura em filmes de Humberto Mauro e Mazzaropi, passando pela Caravana Farkas, por Glauber Rocha, Ozualdo Candeias, Eduardo Coutinho, chegando até Marília Rocha, Gustavo Spolidoro, Davi Pretto e Kleber Mendonça Filho. Em devir, esse rural é preguiçoso, engraçado, símbolo da mais pura brasilidade, de revolta, de abandono e de sonho. Como, então, compreender esse “tipo”? E mais, como propor uma reflexão ignorando todos esses devires?

A resposta, no trabalho, vem através da metodologia bergsoniana do encontro do verdadeiro problema da pesquisa. Já que para o filósofo colocar bem um problema, já é conhecê-lo (2006). Com o método intuitivo bergsoniano, encontramos a pergunta central para entender as Ruralidades, mas antes, passamos por três etapas:

(i) Formular o verdadeiro problema, diferenciando-o dos falsos. Por exemplo, se um problema estiver mal colocado ou inexistente, perceberemos que o método não se aplicará. O “não-ser” é um problema inexistente. Portanto, quando disserto sobre as diferenciações do rural e do urbano, há uma insistência em falar tudo que o rural *não é* em relação à cidade para defini-lo: é atrasado, pois não é tão industrializado quanto o urbano. Isso seria um primeiro falso problema;

(ii) Observar as diferenças de grau e de natureza. Se um problema se diferenciar apenas em grau, será falso. Nesse movimento, encontramos as duas tendências de um verdadeiro problema: a real e a de natureza. Por exemplo: um problema falso estaria na elaboração de uma diferenciação entre rurais e urbanos, pois ambos diferem de grau e não apresentam duas tendências;

(iii) A última etapa estaria na duração. Nesse momento, mergulhamos no devir do nosso problema e o repartimos entre virtual e atual. A duração é a multiplicidade das diferenças. Como exemplo, pensemos em um cubo de gelo. Em relação ao espaço e às outras coisas, ele terá diferença de grau; já quando ele começa a derreter, temos a duração - ou seja, seus estados de gelo - sofrendo alterações, diferenciando-se de si mesmo em natureza. Para o texto aqui articulado, vemos as Ruralidades como devir, algo que, portanto, diferencia-se, no que se refere ao grau, de todas as outras coisas no espaço. Para ilustrar, poderíamos evocar as diferentes regiões do Brasil para falar das

Ruralidades: aí teríamos, de um lado, o devir rural (virtual) e, por outro lado, o caipira, o cangaceiro e o gaúcho, que seriam as formas pelas quais as ruralidades se atualizam.

Após apresentar as etapas do método intuitivo bergsoniano, é possível apresentar como o problema da atual pesquisa se elabora: Como as Ruralidades se atualizam no cinema brasileiro contemporâneo?

Com o meu corpo central, percebo as imagens rurais, aciono minha memória e estabeleço o meu problema de pesquisa ao elaborar o virtual e o atual. Para continuar com as Ruralidades e dar a ver o problema, convoco duas materialidades. Elas se chocam com o meu corpo e produzem três constelações: as sexualidades, a paisagem e a transcendência. Essas materialidades são os curtas-metragens “A vez de matar, a vez de morrer”, um western gay mato-grossense e “A retirada para um coração bruto”, um sci-fi mineiro sobre metal e alienígenas.

Meu corpo, como imagem-central, percebe as Ruralidades enquanto sexualidades na elaboração do conceito de masculinidade (na imagem de cangaceiros rebeldes em Glauber, nas brigas de bar de Mazaropi e no homem que não chora em São Bernardo (1972, Leon Hirszman)). Também lembro de tios que brigavam em partidas de truco, no meu pai que não chorava e nos meus avós que bebiam e trocavam tiros com vizinhos. Ao me chocar com “A vez de matar, a vez de morrer”, encontro homens que se desejam, que se beijam e trocam afetos, mesmo brutais. Portanto, percebo essa Ruralidade em duração se atualizando de formas distintas, ora no macho, ora no desejo, ora no tesão, ora no confronto.

Em outro momento, ao assistir o curta-metragem “A retirada para um coração bruto”, percebo outra Ruralidade ser atualizada a partir do choque entre minha memória e imagens do filme; a da música e transcendência. Enquanto a viola de Mazaropi ambientava o habitus rural e o sertanejo ecoava em filmes como “2 filhos de Francisco” (2005, Breno Silveira) e “O menino da porteira” (2009, Jeremias Moreira Filho), no curta-metragem, Seu Ozório, depois de ficar viúvo, não procura o acalento em músicas que falam sobre roça e sua natureza e, sim, no barulho da guitarra no ritmo de metal. Em um filme sobre o interior mineiro, como é o caso de “A vez (...)”, alienígenas que tocam Iron Maiden chegam até o velhinho e o ensinam a cantar e tocar instrumentos ligados ao imaginário “dark”.



Por fim, ao evocar alguns pontos específicos da dissertação desenvolvida sobre imagens rurais, meu corpo e curtas-metragens em choque com minha memória, percebo que há muito na filmografia contemporânea brasileira que tensiona imagens já cristalizadas no imaginário popular. O caipira já não é mais atraso, nem o que não detém conhecimento ou poder; somos pulsantes, temos desejo e reverbera em nosso corpo muito mais que trabalho braçal. Hoje, de Bacurau (2019, Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles) à, Casa de Antiquidades (2020, João Paulo Miranda Maria) e Madalena (2021, Madiano Marcheti), as Ruralidades são atualizadas e evocadas como mutáveis, sendo muito além do braço.

PALAVRAS-CHAVE: Ruralidades; cinema brasileiro; memória; curtas-metragens; rurais

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. Matéria e Memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução: Paulo Neves - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____, Henri. O pensamento e o movimento: ensaios e conferência. Tradução: Bento Prado Neto - São Paulo: Martins Fontes, 2006, Tópicos.

FAVRETTO, Analu. Corpos rurais: paisagens, sexualidades e transcendência em filmes de paiol. Analu Favretto, 2020.